



## PSICOFÁRMACOS POTENCIALMENTE INAPROPRIADOS PARA IDOSOS: UM ESTUDO DE REVISÃO

Liliane de Almeida Cardoso<sup>1</sup>  
Kevin Fontelles Morais<sup>2</sup>  
Ana Raquel Silva Souza<sup>3</sup>  
Alexciana Santos da Silva<sup>4</sup>  
Josimar dos Santos Medeiros<sup>5</sup>

### RESUMO

**Introdução:** nos últimos anos, observa-se um aumento expressivo da população idosa no Brasil e no mundo, ocorrendo a inversão da pirâmide etária e gerando um novo perfil populacional. O envelhecimento populacional traz consigo o aparecimento de transtornos mentais e como consequência a utilização de psicofármacos. **Objetivo:** Identificar as principais classes de psicofármacos potencialmente inapropriados para idosos com transtornos mentais. **Metodologia:** trata-se de uma revisão integrativa de literatura, com um total de 8 artigos analisados nos idiomas português, espanhol e inglês, provenientes das seguintes bases de dados: BVS, Scielo e PubMed. Foram utilizados os seguintes descritores em saúde: “Uso de Medicamentos”, “Saúde Mental”, “Assistência a Idosos” e “Transtornos Mentais”. **Resultados e Discussões:** foi evidenciado a prevalência do uso de benzodiazepínicos, antipsicóticos, barbitúricos, antidepressivos, anti-histamínicos e antiepilépticos na população idosa com transtornos mentais. Esses medicamentos exigem um maior cuidado quando prescritos para essa população em qualquer condição clínica, já que podem causar dependência física, risco de overdose e sedação, mesmo em baixas dosagens, sendo considerados medicamentos potencialmente inapropriados nessa faixa etária. Sua prescrição requer levar em consideração a relação risco-benefício, podendo ser utilizados meios alternativos e recursos não farmacológicos, dependendo do caso clínico de cada indivíduo, com adequação das doses, promovendo maior segurança ao idoso. **Conclusão:** portanto, se faz necessário repensar a melhor conduta terapêutica para essa população, por meio de diálogos entre os profissionais da saúde e os pacientes, adequando o uso de certos psicofármacos, de modo a contribuir com seu estado de saúde, garantindo melhor qualidade de vida.

**Palavras-Chaves:** Uso de Medicamentos; Saúde Mental; Assistência a Idosos; Transtornos Mentais.

### INTRODUÇÃO

Nos últimos anos observa-se uma tendência mundial ao aumento expressivo da população idosa, fato que é conhecido como transição demográfica, e que traz profundas alterações na pirâmide etária e gera um novo perfil populacional. O envelhecimento

<sup>1</sup>Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [almeida.lilianne@gmail.com](mailto:almeida.lilianne@gmail.com)

<sup>2</sup>Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, [kevinfontellesuf@gmail.com](mailto:kevinfontellesuf@gmail.com)

<sup>3</sup>Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [anaraquel.coracao2@gmail.com](mailto:anaraquel.coracao2@gmail.com)

<sup>4</sup>Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, [alexcianasantoss@gmail.com](mailto:alexcianasantoss@gmail.com)

<sup>5</sup>Docente do Departamento de Farmácia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [josimarmedeiros19@gmail.com](mailto:josimarmedeiros19@gmail.com)

populacional acompanha-se de um aumento da prevalência de transtornos mentais de maior incidência nessa população, destacando-se aí os quadros depressivos (BIASOLI, 2015).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015), entre 2015 e 2050 a proporção de idosos ao redor do mundo estaria estimada para quase dobrar, de 12% para 22%. Em termos absolutos, espera-se um crescimento de 900 milhões de pessoas para 2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos de idade. Os idosos enfrentam desafios físicos e psicológicos únicos para suas idades, sendo que mais de 20% dos adultos com mais de 60 anos sofreriam de algum tipo de transtorno envolvendo sua saúde mental. Os transtornos mais comuns para pessoas nessa faixa etária seriam a demência e a depressão, ambas afetando aproximadamente de 5% e 7% dos idosos ao redor do mundo, respectivamente.

O uso excessivo de medicamentos parece ser um dos traços significativos da cultura ocidental, na qual impera a convicção de que o mal-estar, bem como o sofrimento de todo gênero, deve ser abolido a qualquer preço. O uso de psicotrópicos é indispensável no tratamento de algumas formas de transtornos mentais ou distúrbios psiquiátricos, tais como: ansiedade, insônia, depressão, agitação, convulsão e a psicose (FARIAS; SILVA; FURTADO, 2016).

Os idosos com transtornos mentais utilizam os psicofármacos para obter uma vivência/sobrevivência de forma mais aceitável para si mesmo e para aqueles que os cercam, pela redução dos sinais e sintomas, com conseqüente melhoria no convívio social e familiar, na realização das atividades cotidianas e no sofrimento que a doença lhes causa. Na vivência do uso de psicofármacos, os idosos manifestam aspectos de fragilidades, como o fato de depender deles para que a melhora ocorra. Esses idosos, apesar de reconhecerem a necessidade de conviver com os efeitos adversos dos psicofármacos, muitas vezes intensos e incapacitantes, veem-se acrescidos de desconfiança e medo de outros efeitos que possam deles advir, além de manifestarem o desejo de não dependerem do uso de medicamentos (MARIN; MAFTUM; LACERDA, 2018).

Apesar de a prescrição de Medicamentos Potencialmente Inapropriados (MPIs) também ser um problema frequente nas unidades especializadas em psiquiatria, poucos estudos investigaram com profundidade o valor terapêutico e os riscos associados ao uso de medicamentos em idosos assistidos nessas instituições (ANDRADE; SILVA FILHO; JUNQUEIRA, 2016).

Para Marin, Maftum e Lacerda (2018), pelo significado que o uso dos medicamentos adquire na vida dos idosos com transtornos mentais, constata-se que há uma organização própria ou apoiada por outros para o enfrentamento das necessidades. Para isso, eles criam

estratégias, estabelecem rotinas e incorporam o uso dos psicofármacos ao seu cotidiano. Mesmo assim, por vezes, encontram dificuldades nesse uso, utilizam de forma incorreta e faltam-lhes conhecimentos. Além disso, o foco do cuidado à saúde para esses idosos parece voltar-se, essencialmente, para o transtorno mental e para o uso de medicamentos, o que parece não contemplar as necessidades dos idosos na sua integralidade, considerando as múltiplas alterações e comorbidades que comumente eles apresentam.

Como aspectos de fragilidades na vivência do uso de psicofármacos por idosos com transtorno mental, encontra-se o uso inadequado de medicamentos, o que ocorre por falta de adesão, de confusão ou de esquecimento. O acompanhamento e apoio de familiares ou de outras pessoas próximas do idoso também se revelam como condição essencial a essa vivência, em qualquer que seja o cenário de atenção. Os familiares, assim como os idosos, reconhecem a importância e manifestam preocupação com o uso dos psicofármacos, uma vez que sofrem com as consequências do não uso ou uso incorreto, o que contribui para que se aliarem ao cuidado a esse idoso (MARIN; MAFTUM; LACERDA, 2018).

O envelhecimento biológico está ligado a alterações que ocorrem nas células, prejudicando seu funcionamento adequado e trazendo como consequências as mudanças morfológicas e fisiológicas do organismo. O envelhecimento constitui-se como um fenômeno amplo e inerente aos seres humanos, no entanto o seu processo ocorre de forma singular. A heterogeneidade na experiência do envelhecimento se deve a fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais da vida humana. Nesse sentido, é fundamental conhecer as características clínicas e sociodemográficas presentes nesta população, já que muitos dos fatores de ordem social, tais como renda, escolaridade, estado conjugal, entre outros, são apontados por inúmeras pesquisas como fatores de risco para maior incidência de transtornos mentais em idosos (BIASOLI, 2015).

Em decorrência do aumento significativo de pessoas acima de 60 anos com transtornos mentais, é necessário conhecer as características destes sujeitos, com o intuito de promover uma melhor assistência em saúde, assim como identificar os possíveis fatores de risco associados à incidência destas doenças. Esse processo implica na oferta de serviços de saúde e profissionais devidamente habilitados para prestar assistência adequada a essa população que, por apresentar maior risco de ocorrência de enfermidades crônico-degenerativas e suas complicações, necessita um maior investimento na prevenção de agravos e na promoção da saúde e um amplo acesso aos serviços públicos e privados de assistência (BIASOLI, 2015).

Frente a isso, levantam-se novos questionamentos que demandam estudos com vistas a evidenciar se esses idosos estão recebendo atenção integral à saúde, o que depende da

integração entre os serviços que compõem as redes de atenção à saúde. Na interpretação da vivência do uso de psicofármacos por idosos com transtornos mentais, depreendem-se importantes implicações à sua condição de vida, tanto considerando que tal uso permite que eles vivessem melhor, por reduzir os sinais e sintomas da doença, como pelo fato de esse uso ter consequências advindas dos efeitos adversos e do inconformismo de necessitar dos psicofármacos (MARIN; MAFTUM; LACERDA, 2018).

## **METODOLOGIA**

Tratou-se de estudo de resivão de literatura do tipo descritiva, cujo material foi proveniente das seguintes bases de dados: *Biblioteca Virtual de Saúde (BVS)*, *Scientific Eletronic Library Online (SciELO)* e *U. S. National Library of Medicine (PubMed)*. A busca foi realizada com base na pergunta norteadora: “Quais as principais classes de medicamentos potencialmente inapropriados para idosos com transtornos mentais?”.

O desenvolvimento da pesquisa foi realizado entre os meses de janeiro a abril de 2020, cujos descritores em saúde subsidiados na pesquisa foram: “Uso de Medicamentos”, “Saúde Mental”, “Assistência a Idosos” e “Transtornos Mentais”. Com os seguintes critérios de inclusão: (1) a publicação deve ter sido realizada nos últimos 8 anos, (2) o texto deve estar disponível completo na íntegra, (3) disponíveis nos idiomas português, espanhol e inglês.

Na Scielo a pesquisa retornou seis artigos; no PubMed e BVS um artigo em cada; perfazendo um total de 8 artigos analisados para compor a pesquisa. Todos os artigos tiveram como base a predominância do uso de psicofármacos na população idosa, conforme as variáveis necessárias à questão norteadora do estudo, por meio do uso do formulário estruturado e adaptado (URSI, 2005) apresentado no Quadro 1: identificação das publicações, características metodológicas dos estudos e conclusões.

Os dados obtidos por meio da análise dos artigos estão apresentados nos resultados e discussões de forma descritiva, possibilitando ao leitor analisar a aplicabilidade da revisão de literatura, proporcionando subsídios aos profissionais e acadêmicos de saúde em sua tomada de decisão cotidiana, no âmbito da saúde prestada aos idosos que fazem uso de psicofármacos para tratamento de transtornos mentais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os resultados foram obtidos por meio da revisão integrativa de literatura, estabelecidos de acordo com os elementos estruturantes dos artigos, conforme representado no Quadro 1.

**Quadro 1** – Identificação dos artigos utilizados na pesquisa

TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	OBJETIVO	CONCLUSÃO
Uso de psicofármacos entre idosos residentes em comunidade: prevalência e fatores associados	ABI-ACKEL, M. M; COSTA, M. F. L; COSTA, E. C; FILHO, A. I. L.	Investigar a prevalência e os fatores associados ao uso de psicofármacos entre idosos.	A prevalência observada foi semelhante ao verificado entre idosos brasileiros e o padrão de associações detectado foi consistente com o observado em populações idosas de países de maior renda, sendo o relato de diagnóstico médico para depressão o fator mais fortemente associado ao uso de psicofármacos.
Prevalência e fatores associados ao uso de benzodiazepínicos em idosos da comunidade	ALVIM, M. M; CRUZ, D. T; VIEIRA, M. T; BASTOS, R. R; LEITE, I. C. G.	Avaliar a prevalência e os fatores associados ao uso de benzodiazepínicos em idosos da comunidade.	O uso de benzodiazepínicos foi considerado elevado entre idosos. A redução da prescrição deve ser avaliada de forma individualizada, considerando as alterações fisiológicas dos idosos e os efeitos adversos dos medicamentos, a fim de minimizar prescrições inadequadas.
Prescrição de medicamentos potencialmente inapropriados para idosos em instituição especializada em saúde mental	ANDRADE, K. V. F; SILVA FILHO, C; JUNQUEIRA, L. L.	Estimar a frequência de prescrição de medicamentos potencialmente inapropriados (MPI) para idosos institucionalizados em um hospital psiquiátrico.	Obteve-se uma elevada prevalência de MPI para idosos, quando comparada com estudos semelhantes. Os CB contribuíram para a análise das prescrições, possibilitando a identificação de medicamentos que podem potencializar os riscos de desenvolvimento de iatrogenias ou agravamento de patologias preexistentes.
Psicofármacos potencialmente inapropriados para idosos	ASSATO, C. P; OLIVEIRA, C. R. B.	Identificar psicofármacos considerados potencialmente inapropriados para idosos.	Sua prescrição requer considerar a relação risco-benefício, a disponibilidade de agentes alternativos e de recursos não farmacológicos, a escolha da menor dose necessária e o monitoramento dos efeitos no paciente, proporcionando, assim, maior segurança ao idoso e melhora no âmbito biopsicossocial e, portanto, da qualidade de vida.
Uso de psicotrópicos no Brasil: uma revisão de literatura	FARIAS, M. S; SILVA, A. B; FURTADO, D. R. et al.	Verificar os reais motivos da utilização de psicotrópicos e quais as características dos pacientes que o utilizam.	Os tratamentos medicamentosos para esses distúrbios envolvem fármacos que causam dependência química e efeitos colaterais, e isso leva, na maioria das vezes, as pessoas a se tratarem por longos períodos.
Idosos com	MARIN, M. J. S;	Interpretar a vivência	O uso de psicofármacos se constitui

transtornos mentais: vivenciando o uso de psicofármacos	MAFTUM, M. A; LACERDA, M. R.	de idosos com transtorno mental na utilização de psicofármacos.	em prioridade na vida dos idosos e, frente às fragilidades encontradas, é necessário um acompanhamento contínuo dos profissionais de saúde.
Prescrição de benzodiazepínicos para adultos e idosos de um ambulatório de saúde mental	NALOTO, D. C. C; LOPES, F. C; BARBERATO FILHO, S.; LOPES, L. C; FIOL, F. S. D; BERGAMASCHI, C. C.	Comparar as prescrições de benzodiazepínicos (bzd) em adultos e idosos quanto aos indicadores do uso apropriado.	O uso crônico foi observado em todos os adultos e idosos com transtornos depressivos e ansiosos ( $p > 0,05$ ). Uma minoria das prescrições de bzd para adultos e idosos era apropriada.
Conhecimento de idosas sobre o uso de psicotrópicos	PRUDÊNCIO, F. A; NOGUEIRA, L. T.	Descrever o conhecimento de idosas sobre o uso de medicações psicotrópicas.	Concluiu-se que as idosas acompanhadas pela Estratégia Saúde da Família adquiriram o conhecimento sobre os medicamentos psicotrópicos na experiência cotidiana e que é necessário ampliar a discussão sobre o tema e estimular a formulação de diretrizes voltadas para o uso desses medicamentos pelos idosos.

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Os antipsicóticos, benzodiazepínicos e antidepressivos são psicofármacos comumente empregados no tratamento dos sintomas comportamentais e psicológicos da demência. Porém, o uso de certos psicofármacos em idosos pode oferecer uma relação risco-benefício desvantajosa e com repercussões negativas para seu estado de saúde e qualidade de vida. Entre os psicofármacos inapropriados destacam-se os antidepressivos tricíclicos e aminas terciárias, que podem desencadear hipotensão ortostática e sedação, sendo altamente anticolinérgicos; antipsicóticos típicos, que elevam o risco de acidente vascular cerebral e de mortalidade em indivíduos com demência; e os benzodiazepínicos, que aumentam o risco de déficit cognitivo, delírio, quedas, fraturas e acidentes com veículos motorizados (ASSATO; OLIVEIRA, 2015).

Segundo Andrade, Silva Filho e Junqueira (2016), em seu estudo realizado em uma instituição especializada em saúde mental, contabilizou-se um total de 224 medicamentos prescritos (contendo 57 fármacos ou princípios ativos distintos) em 40 prescrições analisadas, obtendo-se uma média de 5,6 medicamentos/prescrição (mínimo 1 e máximo 9). A prevalência de polifarmácia (prescrição de cinco ou mais medicamentos para um mesmo indivíduo) foi de 70% ( $n = 28/40$ ). Dos 57 fármacos identificados, 33,3% ( $n = 19/57$ ) foram classificados como inapropriados em qualquer condição clínica, sendo todos com nível elevado de evidência e forte grau de recomendação para evitar o uso em idosos. Os

medicamentos com maior frequência de prescrição foram prometazina (11,6%; n = 26/224) e haloperidol (10,3%; n = 23/224). Segundo os Critérios de Beers, 40,2% (n = 90/224) dos medicamentos prescritos foram classificados como medicamentos potencialmente inapropriados (MPI) em qualquer condição clínica; 38,8% (n = 87/224) eram MPI nas condições clínicas dos indivíduos que receberam a prescrição e 23,7% (n = 53/224) pertenciam à categoria dos medicamentos que devem ser utilizados com cautela em idosos.

Entre os antiepiléticos, o fenobarbital é classificado como MPI para idosos em qualquer condição clínica, por causa da alta taxa de dependência física e risco de overdose, mesmo em baixas dosagens. Os barbitúricos são fortemente aditivos e causam mais efeitos adversos quando utilizados como anticonvulsivantes nos idosos do que a maioria dos sedativos ou hipnóticos. A prescrição e a utilização de psicotrópicos elevaram-se consideravelmente nos últimos anos e essas substâncias passaram a ser um dos grupos de fármacos mais prescritos no mundo. Como se trata de fármacos que causam dependência é necessário o empenho para o uso racional destes (ANDRADE; SILVA FILHO; JUNQUEIRA, 2016; FARIAS; SILVA; FURTADO, 2016).

A prevalência de uso de benzodiazepínicos foi de 18,3% (IC95% 15,2-21,6). A maioria dos benzodiazepínicos utilizados possui meia vida de eliminação longa (59,2%) e o tempo de uso foi considerado prolongado em 85,5% dos usuários. Dentre os usuários de benzodiazepínicos, 38,4% também utilizavam antidepressivos. O uso desses fármacos se mostrou associado à presença de transtornos mentais e comportamentais autorrelatados, polifarmácia e realização de consulta médica nos últimos três meses. O uso de benzodiazepínicos foi considerado elevado entre idosos. A redução da prescrição deve ser avaliada de forma individualizada, considerando as alterações fisiológicas dos idosos e os efeitos adversos dos medicamentos, a fim de minimizar prescrições inadequadas (ALVIM, 2017).

Em relação aos medicamentos que devem ser usados com precaução, verificou-se que em 80% (n = 32/40) das prescrições analisadas constava pelo menos 1 (um) medicamento enquadrado nessa categoria. Os medicamentos mais prevalentes foram antipsicóticos (62,3%; n = 33/53), anticonvulsivantes (20,7%; n = 11/53), antidepressivos (15,1%; n = 8/53) e antitrombóticos (1,9%; n = 1/53). Dentre os medicamentos prescritos, haloperidol (26,4%; n = 14/53) e carbamazepina (20,7%; n = 11/53) foram os de maior frequência (ANDRADE; SILVA FILHO; JUNQUEIRA, 2016).

Em sua maioria, os participantes eram do sexo feminino (59,0%), tinham entre 60 e 69 anos (56,3%), a prevalência estimada para o uso de psicofármacos foi igual a 13,4%

(IC95% 11,6 - 15,2). Se considerarmos os subgrupos químicos, 8,3% (IC95% 6,9 - 9,8) utilizaram benzodiazepínicos; 5,0% (IC95% 3,8 - 6,1) fizeram uso de antidepressivos; 1,7% (IC95% 1,1 - 2,4) e 1,5% (IC95% 0,9 - 2,1) relataram o uso de, respectivamente, antídotos e antipsicóticos. O bromazepam (33,3%) e o diazepam (27,7%) responderam por mais da metade dos benzodiazepínicos utilizados, e a amitriptilina, por 38,5% dos antidepressivos consumidos. A depressão foi a variável mais fortemente associada (OR = 6,13; IC95% 4,09 - 9,18) ao uso de psicofármacos, tendo sido a única condição de saúde a permanecer independentemente associada após o ajustamento pelas demais covariáveis. O sexo feminino é mais perceptivo em relação à sintomatologia das doenças, por isso, procuram mais cedo por ajuda e apresentam menor resistência ao uso de medicamentos prescritos do que os homens (ABI-ACKEL, 2017; FARIAS; SILVA; FURTADO, 2016).

Em um estudo de Andrade, Silva Filho e Junqueira (2016), realizado com idosos em uma instituição psiquiátrica, foi estimada a frequência da prescrição de MPIs para idosos, no qual houve predomínio do sexo feminino (62,5%, n = 25/40). Em relação à idade, a média foi de 73 anos (66-93 anos). O tempo médio de internamento foi de 15 anos, e o principal diagnóstico foi de esquizofrenia (56,4%; n = 22/39). A prevalência de polifarmácia foi de 70%. Os medicamentos mais prescritos foram prometazina e haloperidol.

A prometazina e difenidramina são anti-histamínicos utilizados como sedativos e hipnóticos, isoladamente ou em associação com outros fármacos. Possuem propriedades anticolinérgicas intensas, provocando confusão e disfunção cognitiva no idoso. A associação positiva com o sexo feminino sugere a necessidade dos profissionais de saúde de investigar cuidadosamente a presença de sintomas psíquicos entre seus pacientes do sexo masculino, dada a menor propensão dos homens a relatá-los no encontro paciente-profissional. Tal postura minimizaria o risco de que idosos com distúrbios psiquiátricos deixem de acessar a terapêutica farmacológica apropriada (ABI-ACKEL, 2017).

Entre os fármacos psicotrópicos, destacam-se os benzodiazepínicos, cuja popularização do uso evidenciou novos problemas, decorrentes principalmente do uso inadequado. A dependência química dos benzodiazepínicos com todas as implicações inerentes a esses quadros passaram a constituir grande preocupação para a saúde pública. São necessárias doses mais baixas e níveis plasmáticos inferiores de benzodiazepínicos nos idosos do que entre os indivíduos mais jovens, para alcançar o mesmo nível de sedação. A prescrição de benzodiazepínicos para idosos só deve ocorrer quando for extremamente necessária, dando sempre preferência aos fármacos de meia-vida curta e intermediária. Existem fármacos que podem ser prescritos com maior segurança aos idosos como alternativa aos benzodiazepínicos



em casos de ansiedade, como a buspirona, que é capaz de reduzir a ansiedade sem provocar sedação, dependência e síndrome de abstinência (ALVIM, 2017; ANDRADE; SILVA FILHO; JUNQUEIRA, 2016).

Os benzodiazepínicos, bem como certos antidepressivos e antipsicóticos, são considerados potencialmente inapropriados para idosos por oferecerem maiores riscos do que benefícios quando utilizados nessa faixa etária. De maneira geral, esses fármacos podem causar ou exacerbar quadros de declínio cognitivo e demência, além de elevar o risco de quedas. Um número expressivo de psicofármacos promove efeitos adversos anticolinérgicos e acentua o risco de desenvolver síndrome da secreção inapropriada do hormônio antidiurético e hiponatremia (ASSATO; OLIVEIRA, 2015).

No estudo de Naloto e colaboradores (2016) foi evidenciado o uso inapropriado destes psicotrópicos tanto em adultos como em idosos, sendo que uma minoria das prescrições era racional e fazia uso do benzodiazepínico pelo tempo recomendado. Ao comparar os indicadores de uso apropriado de benzodiazepínicos entre adultos e idosos atendidos no ambulatório de saúde mental, observou-se o uso inapropriado destes, em ambos os grupos e para a maioria dos critérios avaliados. Uma minoria das prescrições era racional ou estava adequada quanto ao tempo de uso, sendo observado o uso crônico do benzodiazepínico nos pacientes com transtornos depressivos e ansiosos. Das prescrições, o fato de apenas 1,9% para os adultos e 5,8% para os idosos estarem adequadas, chama a atenção para erros relacionados à indicação de uso, condutas não recomendadas para a faixa etária e/ou paciente; riscos de interações medicamentosas graves; e problemas relacionados à dose, frequência e, principalmente, duração do tratamento.

Foram observadas interações medicamentosas graves em 21 adultos e sete idosos, sendo principalmente devido à associação de clonazepam com fenobarbital nos adultos ( $p \leq 0,05$ ) e de diazepam com fenobarbital em ambos os grupos ( $p > 0,05$ ), com conseqüente risco de depressão respiratória. A maioria do uso com precaução ocorreu com o clonazepam ( $p > 0,05$ ), sendo que o seu uso por tempo superior a um ano requer monitoração da função hepática e contagem de células sanguíneas. Indivíduos com transtornos depressivos deveriam utilizar com precaução alprazolam ou diazepam devido ao aumento do risco de mania e suicídio, sendo esta situação observada em ambos os grupos. Houve predomínio de prescrições de benzodiazepínicos para os adultos atendidos no ambulatório de saúde mental (ABI-ACKEL, 2017).

Os fármacos potencialmente inapropriados para idosos são aqueles que devem ser evitados nessa faixa etária. Sua prescrição requer considerar a relação risco-benefício, a

disponibilidade de agentes alternativos e de recursos não farmacológicos, a escolha da menor dose necessária e o monitoramento dos efeitos no paciente, proporcionando, assim, maior segurança ao idoso e melhora no âmbito biopsicossocial e, portanto, da qualidade de vida (ASSATO; OLIVEIRA, 2015).

Diante desse panorama é necessário que novos olhares e modelos de assistência e prevenção sejam inseridos na vida e na saúde pública, assim como promover serviços que atendam às características dessa população, vinculando a demanda da saúde mental com os aspectos biopsicossociais do envelhecimento, além de garantir um tratamento mais amplo e eficiente. A terapia alternativa não medicamentosa poderia ser abordada, para pacientes que apresentaram transtornos de depressão, ansiedade e insônia. Os tratamentos medicamentosos para esses distúrbios envolvem fármacos que causam dependência química e efeitos colaterais, e isso leva, na maioria das vezes, as pessoas a se tratarem por longos períodos ou a abandonar o tratamento. Desta forma, observa-se a necessidade de uma atenção especial para esses pacientes para que suas necessidades medicamentosas sejam oferecidas de forma segura e racional (BIASOLI, 2015; FARIAS; SILVA; FURTADO, 2016).

Faz-se necessário, portanto, um trabalho multiprofissional, sistemático, na monitoração dos idosos que utilizam medicamentos psicotrópicos. Supõe-se que essas ações ainda não se encontram implementadas pelos profissionais de saúde, por não terem voltado sua atenção para o uso excessivo desse tipo de medicação pela população e, também, por ser uma prática assistencial rotineira, na qual não é avaliado o custo e o benefício dos medicamentos psicotrópicos em longo prazo. Com isso, torna-se necessário repensar o diálogo entre os profissionais de saúde e os pacientes, no sentido de adequar a linguagem à compreensão dos idosos e tentar desmistificar a relação de poder e domínio do saber científico (PRUDÊNCIO; NOGUEIRA, 2013).

## **CONCLUSÃO**

Portanto, se faz necessário novos modelos de assistência, e de prevenção do uso inadequado desses psicofármacos, devendo ser repensada a melhor conduta terapêutica para essa população, por meio de diálogos entre os profissionais da saúde e os pacientes, levando em consideração a relação risco-benefício. Podem ser utilizados meios alternativos e recursos não farmacológicos dependendo do caso clínico de cada indivíduo, com adequação das doses, promovendo maior segurança ao idoso, de modo a contribuir com seu estado de saúde, garantindo melhor qualidade de vida.

A prescrição de psicofármacos requer maiores cuidados, especialmente quando for para essa população, em qualquer condição clínica, principalmente em relação às dosagens dos medicamentos, sendo importante sua adequação ou até mesmo substituição, já que seu uso inadequado pode causar dependência física, risco de overdose e sedação, mesmo em baixas dosagens, sendo considerados medicamentos potencialmente inapropriados nessa faixa etária.

Foi evidenciado no estudo a prevalência do uso de benzodiazepínicos, antipsicóticos, barbitúricos, antidepressivos, anti-histamínicos e antiepilépticos na população idosa com transtornos mentais, sendo considerados MPI para idosos quando ocasionam alterações negativas a nível fisiológico, devido seu uso inadequado, influenciando na qualidade de vida do idoso.

A terapia alternativa não medicamentosa poderia ser abordada com os pacientes que apresentem transtornos de depressão, ansiedade e insônia, buscando um cuidado humanizado frente aos problemas de saúde enfrentados por esse público, visando uma assistência integral e de qualidade.

Nesse contexto, a equipe de enfermagem e demais profissionais que compõe a equipe multiprofissional tornam-se de fundamental importância para orientar/auxiliar essa população e seus familiares nos devidos cuidados com uso dos psicofármacos, repensando o diálogo com esse público, bem como adequando a linguagem para facilitar o entendimento e desmistificar a hierarquia imposta pelas relações de poder e saber científico.

Com isso, são necessárias ações de promoção e prevenção da saúde, com inserção na vida cotidiana e na saúde pública, promovendo serviços que atendam as demandas da saúde mental, levando em consideração os aspectos biopsicossociais do envelhecimento, garantindo um tratamento mais amplo e humanizado.

## REFERÊNCIAS

ABI-ACKEL, M. M; COSTA, M. F. L; COSTA, E. C; FILHO, A. I. L. Uso de psicofármacos entre idosos residentes em comunidade: prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v.20, n.1, p.57-69, 2017.

ALVIM, M. M; CRUZ, D. T; VIEIRA, M. T; BASTOS, R. R; LEITE, I. C. G. Prevalência e fatores associados ao uso de benzodiazepínicos em idosos da comunidade. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.20, n.4, p.463-474, 2017.

ANDRADE, K. V. F; SILVA FILHO, C.; JUNQUEIRA, L. L. Prescrição de medicamentos potencialmente inapropriados para idosos em instituição especializada em saúde mental. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v.65, n.3, p.245-250, 2016b.

ASSATO, C. P; OLIVEIRA, C. R. B. Psicofármacos potencialmente inapropriados para idosos. **Revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v.20, n.3, p. 687-701, 2015.

BIASOLI, T. R. **Perfil dos Idosos com Transtornos Mentais Assistidos em Ambulatórios do Hospital de Clínicas da Universidade Estadual de Campinas (SP)**. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, 2015.

FARIAS, M. S; SILVA, A. B; FURTADO, D. R. et al. Uso de psicotrópicos no brasil: uma revisão de literatura. **Revista de Biologia e Farmacia**, v.12, n.4, p.6-10, 2016.

MARIN, M. J. S; MAFTUM, M. A; LACERDA, M. R. Idosos com transtornos mentais: vivenciando o uso de psicofármacos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.71, n. suppl.2, p.888-896, 2018.

NALOTO, D. C. C; LOPES, F. C; BARBERATO FILHO, S.; LOPES, L. C; FIOL, F. S. D; BERGAMASCHI, C. C. Prescrição de benzodiazepínicos para adultos e idosos de um ambulatório de saúde mental. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v.21, n.4, p.1267-1276, 2016.

OMS. Organização Mundial da Saúde, 2015. Pensando a Saúde Mental do Idoso no Brasil e no Mundo. **Disponível em:** <https://blog.cenatcursos.com.br/pensando-a-saude-mental-do-idoso-no-brasil-e-no-mundo/>. **Acesso em:** 20 de março de 2020.

PRUDÊNCIO, F. A; NOGUEIRA, L. T. Conhecimento de idosas sobre o uso de psicotrópicos. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v.14, n.1, p.130-138, 2013.